

# Como remar contra a maré e se dar bem

*Estudantes que vieram de escolas públicas contam como conseguiram vagas nas melhores faculdades*

ALCEU LUISS CASTILHO

**P**rocuram-se: estudantes que fizeram o primeiro e o segundo graus em escola pública e passaram em cursos concorridos dos principais vestibulares. Sem fazer cursinho. Como esses heróis estão em falta, o *Zap!* deixou a última exigência de lado e saiu à caça de ex-alunos de colégios públicos que, com os pré-vestibulares, conseguiram chegar lá. Eles contaram como fizeram para ingressar em carreiras como Direito, Engenharia, Publicidade e Medicina, vencendo desde o retrospecto desfavorável até o complexo de inferioridade.

Na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, a "investigação" começou no curso de Jornalismo – a segunda nota de corte da Fuvest. "Estudante de escola pública, aqui, só em Biblioteconomia", tentou despistar o calouro Vinícius Caetano Segalla, de 18 anos. Ao seu lado, numa rodinha de 20 ecanos, seu colega Almir Ricardo Teixeira levantou timidamente a mão e o contradisse: fez escola técnica em Guaratinguetá e seis meses de cursinho, à noite. "Sempre me dei bem na escola, botei fé e tentei ser sempre positivo", diz Almir. "É isso que faz a diferença."

**Formação dos pais** – Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria de Estado da Educação, a partir de dados da USP, o que faz mais diferença não é o fato de o aluno ter cursado escola pública ou privada, mas a formação universitária dos pais. Em termos: no ano passado, mais da metade (53,8%) dos matriculados nos cursos da Fuvest tinha pai com terceiro grau completo. E 66,2% fizeram o colegial em escola particular – não há estatísticas por curso, mas uma sondagem mostra que o percentual aumenta no caso das carreiras mais concorridas.

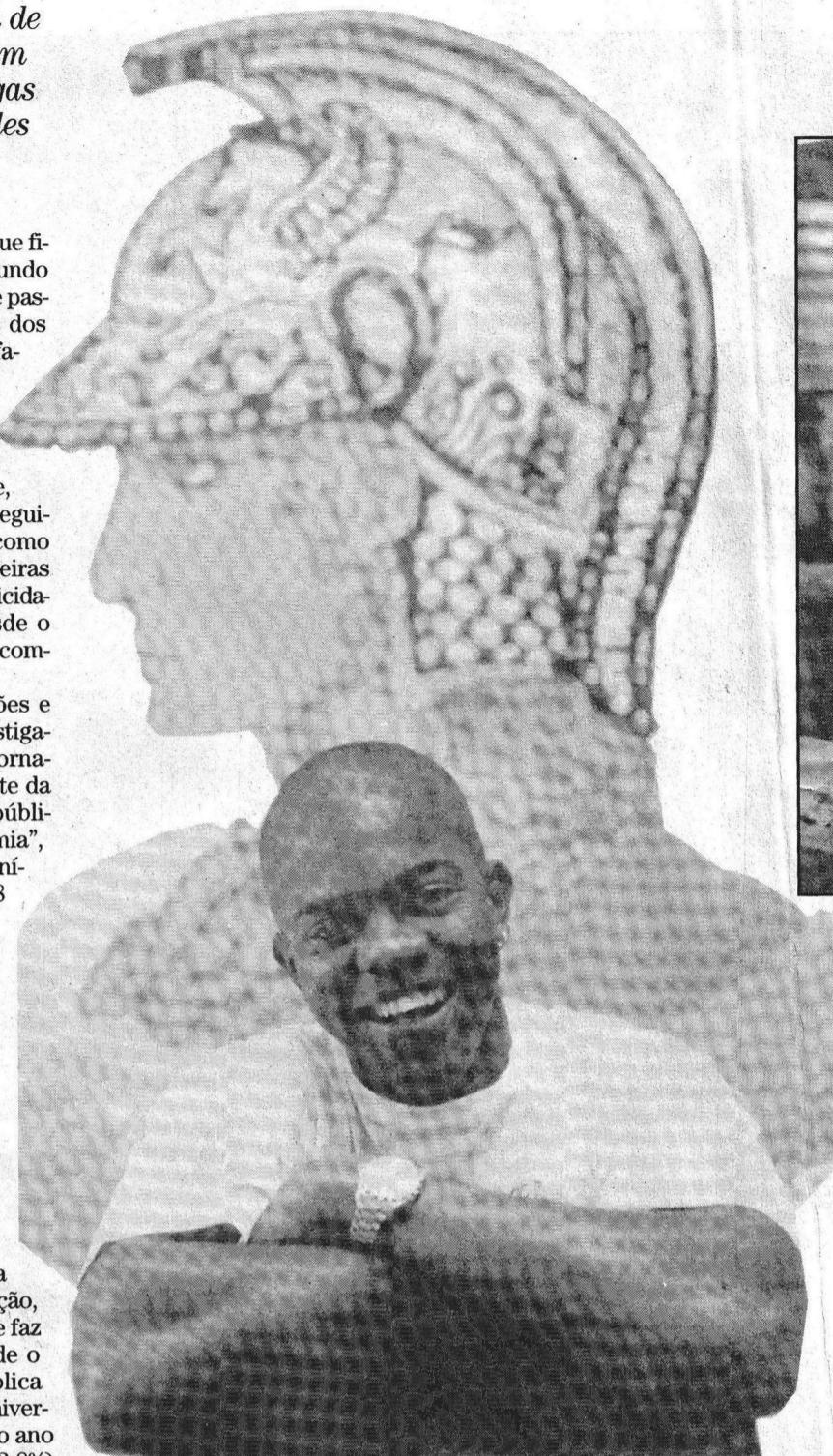
Em outro curso ecano badalado, o de Publicidade, dois alunos da Escola Estadual de Segundo Grau Albino César, na zona norte, conseguiram vencer o gargalo social e chegaram simplesmente à carreira com mais candidatos por vaga da Fu-



Tomaz, da São Francisco: sacrifício

vest. "Eu achava que não ia dar", conta um deles, Marcos Renato Abrucio, de 17 anos. Ele fez o pré-vestibular da Etapa junto com o terceiro colegial, mas reconhece que sua base foi construída na escola pública. "Quem nunca teve base não vai ter no cursinho", diz.

**Cursinho à noite** – Sua colega de classe Priscila Regina Angolini, de 20 anos, não fez Etapa, mas fez Etepa – a Escola Técnica Estadual Polivalente de Americana – e Objetivo. Os dois tinham bolsa de estudos. "O que você pode aprender em seis meses de



cursinho, sem tempo, à noite?", raciocina. Ela acha que, mesmo fazendo escola pública, o aluno deve investir na formação pessoal. "Se não for empenhado, dança", diz. Marcos lembra-se de somente mais um colega de escola que entrou na USP, em Ciências Sociais. "Somos exceção da exceção da exceção", filosofa.

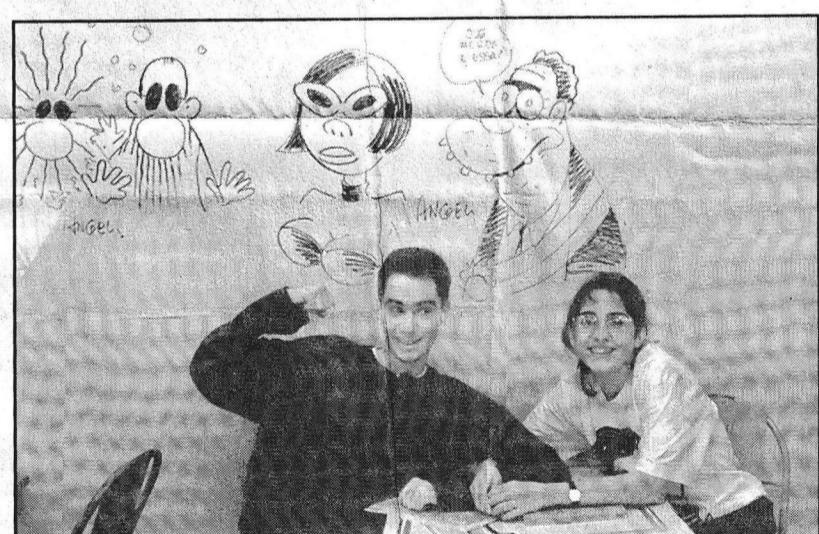
Quem não teria dinheiro para fazer uma faculdade particular comemora de modo especial a conquista da vaga nos cursos de elite da USP. "Fiz bastante sacrifício", conta Tomaz Guillermo Polo, de 20 anos, do terceiro ano de Direito (oitavo mais concorrido da USP). Para fazer o Cursinho da Poli, gratuito, e ainda estudar até tarde, ele dormia quatro horas por noite. "Tinha consciência de que formação era inferior", diz o ex-aluno da escola estadual Ministro Costa Manso.

**Exceção** – Trajetória parecida com a de Polo – escolas públicas e pré-vestibular na Poli, mais curso com bolsa no Anglo – foi seguida por Fábio Muchão, de 20 anos, hoje no terceiro ano de Medicina, maior bichode-sete-cabeças e nota de corte da Fuvest. "Fora eu, aqui na Pinheiros, tem no máximo mais dois que estudaram em escola pública", diz. Complexo de inferioridade? No máximo antes de entrar. "Hoje me sinto orgulhoso", afirma o estudante. Ele conta que os colegas ficam surpresos quando sabem, mas reconhecem o esforço. "Aqui, somos todos iguais."



Fotos: Silvio Ribeiro/AE

**Flávia** (acima), que veio de uma escola técnica federal: primeira colocada em Fisioterapia; **Márcio**, da Engenharia Civil da Poli (à esq.): "Pobre, para entrar na USP, precisa dedicar-se muito"



Marcos e Priscila, da ECA: surpresa com o resultado do vestibular

## Escola técnica é exceção

A primeira colocada em Fisioterapia – quarto curso mais concorrido da Fuvest na primeira fase – este ano cursou a Escola Técnica Federal de São Paulo. Flávia Teixeira, de 19 anos, não esperava passar. Depois do bom desempenho, animou-se. "É legal saber que a Federal é a mais cotada entre as públicas, mas eu sei que as particulares preparam melhor", constata.

O sucesso das escolas federais nos vestibulares é um dos pivôs da polêmica entre governo e estudantes. Eles invadiram o Ministério da Educação no dia 10, em protesto contra a reforma do ensino técnico. O ministro Paulo Renato Souza diz que a função dessas escolas é profissionalizante – e não a de preparar para o vestibular. As associações

estudantis protestam contra a separação da formação humanista geral – o colegial – do ensino técnico.

As escolas técnicas estaduais não têm um índice de aprovação tão bom quanto o das federais (que se equipara ao das escolas particulares), mas também leva seus alunos aos principais cursos da USP. O estudante de Engenharia Civil Márcio de Souza Santos, de 20 anos, está no segundo ano da Poli e cursou a Escola Técnica Estadual Guaracy Silveira. Apesar da boa formação em algumas matérias, ele teve de se desdobrar para compensar as que não teve. Márcio estudou mais de oito horas por dia. "O que diferencia um pobre que entra na USP de outro que não entra é a dedicação", afirma. (A.L.C.)